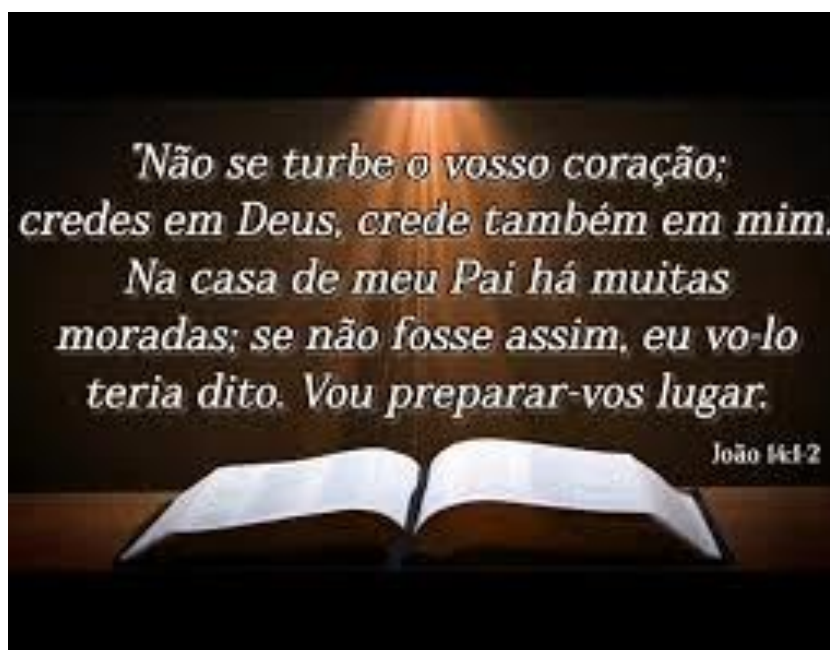


Domingo V do Tempo Pascal – Ano A – 03.05.2026 Dia da Mãe



Viver a Palavra

A missão de anunciar o Evangelho e de o fazer presente no tempo e na história é tarefa permanente e primeira da Igreja e nunca deve ser descurada. Contudo, é urgente em cada tempo um acurado e aturado discernimento para que saibamos responder às exigências da pregação evangélica. Fixando o nosso olhar na comunidade nascente e de modo concreto na primeira leitura proposta para este Domingo, verificamos como o anúncio do evangelho não pode ignorar as reais necessidades dos homens e mulheres do nosso tempo.

Continuadora da obra redentora de Cristo no mundo, a Igreja tem a missão de proclamar o Evangelho que é o próprio Jesus Cristo. Contudo, deve fazê-lo num permanente exercício de *kairologia*, isto é, numa atenta leitura dos sinais dos tempos, que nos permite projetar uma ação pastoral como verdadeira resposta ao chamamento do Senhor para colaborar na Sua obra. A perene novidade que deve revestir a ação eclesial não decorre apenas da mutabilidade do tempo e das transformações da realidade humana, mas também da perene novidade de que se reveste o Evangelho que deve incarnar a história humana em cada tempo e em cada lugar. É esta relação dialética e assimétrica entre a Palavra revelada e a realidade que somos chamados a responder que deve presidir à ação evangelizadora da Igreja para que sejamos efetivamente «*geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido por Deus, para anunciar os louvores d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável*».

Assim encontramos a comunidade nascente apresentada pela narrativa dos Atos dos Apóstolos. Os Doze convocam a assembleia dos discípulos, renovam a certeza da primazia do anúncio da Palavra de Deus que não deve ser descurado, mas reforçam também a necessidade de responder às necessidades concretas dos mais pobres e, para isso, escolhem «*sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, para lhes confiar esse cargo*». Reside aqui a verdadeira criatividade da Igreja que não é excentricidade, mas fidelidade criativa ao Espírito Santo, discernindo comunitariamente o que o Senhor nos pede aqui e agora.

É certo que como Tomé perguntamos muitas vezes: «*Senhor, não sabemos para onde vais: como podemos conhecer o caminho?*». Mas esta deve ser precisamente a primeira pergunta. Invocar o Senhor para saber para onde Ele nos chama, descobrir aquilo que Ele nos pede e simultaneamente ter a ousadia do discernimento pessoal e comunitário, eclesial e articulado que nos permite responder com criatividade e autenticidade à missão evangelizadora da Igreja. Se esta missão é urgente e necessária em cada tempo, tanto mais no tempo que vivemos. Este tempo reclama o exercício de um discernimento pastoral e evangélico que nos permita sinodalmente rasgar caminhos novos de evangelização para que saibam habitar o horizonte antropológico do nosso tempo.

Esta é uma tarefa urgente e necessária, mas concomitantemente árdua e exigente que não nos atemoriza, pois recordaremos sempre as palavras de Jesus: «*não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim. (...) Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim*». Com Jesus e como Jesus, escutando a Sua Palavra, contemplando os seus gestos de amor e misericórdia e iluminados

Os cristãos de Jerusalém viviam com entusiasmo o seu compromisso com Jesus e davam um belo testemunho da fé que os animava (cf. At 2,42-47); mas não eram perfeitos: aqui e ali vinham ao de cima problemas e tensões inerentes à convivência de pessoas com ideias e experiências de vida nem sempre coincidentes. O texto refere-se, concretamente, a um clima de tensão entre dois grupos: os “judeus” e os “helenistas”. Quem são estes grupos e o que é que os dividia?

Trata-se, sempre, de membros da comunidade cristã de Jerusalém. Os “judeus” são cristãos de origem judaica, originários da Palestina, que falam o aramaico, que leem a Escritura em hebraico e que teriam sido convertidos pela pregação de Jesus e dos apóstolos. Continuam, no entanto, muito apegados às suas tradições e têm um alto apreço pela Lei de Moisés e pelas interpretações dos rabis.

Os “helenistas” são cristãos de origem judaica, também, mas originários da “diáspora” israelita – isto é, das comunidades judaicas espalhadas por todo o império romano e até por fora dele. Falam o grego e leem as Escrituras em grego. Residem em Jerusalém temporariamente. O seu contacto com outras realidades culturais torna-os, ordinariamente, mais tolerantes e abertos à novidade.

Com dois grupos tão diversos – do ponto de vista cultural, religioso e social – a conviver dentro da mesma comunidade, era natural que, mais tarde ou mais cedo, surgissem tensões e conflitos. Aparentemente, aquilo que provoca a questão evocada no nosso texto é um problema de ordem material: na distribuição dos alimentos aos membros necessitados da comunidade, as viúvas helenistas sentiam-se prejudicadas. O facto provocou queixas, levando à intervenção dos líderes da comunidade. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Dois mil anos depois de ter nascido e de se ter imposto ao mundo, a Igreja de Jesus continua a ser um autêntico “sinal de contradição”: suscita paixões e ódios, simpatias e antipatias, aprovações e condenações, respeitos e censuras, confianças e desconfianças, fé e descrença... Uns defendem-na intransigentemente, justificando até as falhas mais injustificáveis; outros atacam-na cegamente, culpando-a de todos os males do mundo. Para uns e para outros, o episódio dos Atos dos Apóstolos narrado na primeira leitura deste domingo garante: a Igreja é uma comunidade que vem de Jesus e é animada pelo Espírito, mas formada por homens falíveis e imperfeitos; a Igreja é a testemunha no mundo do plano de salvação de Deus, mas é também (dada a sua faceta humana) uma realidade “a fazer-se”, em contínuo processo de conversão. Os homens do nosso tempo devem exigir que a Igreja seja fiel à sua missão no mundo; mas devem também compreender as suas falhas, dificuldades e infidelidades. E nós, como nos posicionamos face à Igreja? Compreendemos a sua realidade, ao mesmo tempo de santidade e de pecado?

- A “fotografia” que o autor dos Atos dos Apóstolos hoje nos mostra da primitiva Igreja de Jerusalém, revela uma comunidade em que as estruturas de coordenação da vida comunitária não estão ainda completamente definidas e organizadas. No entanto, há já um grupo investido do serviço da autoridade (os “Doze”); e a comunidade confia aos membros desse grupo o encargo de resolver as tensões e conflitos que podem colocar em causa o equilíbrio e a harmonia comunitários. Reparemos, além disso, na forma como os “Doze” assumem o serviço da autoridade: eles não parecem interessados em serem os “senhores absolutos” do projeto comunitário, ou em impor aos outros as suas ideias, preconceitos ou visões pessoais. Na “crise” descrita neste episódio, os “Doze” convocam a comunidade, convidam-na a escolher as pessoas a quem devem ser confiados certos serviços, envolvem-na na busca do caminho comunitário. Infelizmente, ao longo dos séculos esquecemos, muitas vezes, este dinamismo de comunhão e participação: a Igreja nascida de Jesus estruturou-se frequentemente como uma sociedade de desiguais, em estilo piramidal, onde uns eram chamados a mandar e outros convidados a obedecer em silêncio. É preciso redescobrir o valor do diálogo e da participação, na Igreja. Não se trata de discutir se a Igreja deve ou não funcionar segundo os mecanismos de uma sociedade democrática; trata-se de termos consciência de que somos uma família onde todos devem ter voz, porque em todos habita o mesmo Espírito; trata-se de potenciar mecanismos de escuta, de diálogo e de participação, a fim de que todos os membros da família eclesial se envolvam na definição e na construção do projeto comum. O que achamos disto? No que nos diz respeito, estamos disponíveis para nos envolvermos numa procura sincera dos caminhos que o Espírito inspira a Igreja a percorrer?

- A instituição dos sete diáconos da Igreja de Jerusalém para o “serviço das mesas” (isto é, para o “serviço da caridade”) lembra-nos que a Igreja não é uma mera comunidade de consumidores de bens espirituais, mas sim uma “comunidade de servidores”: os membros da comunidade cristã são convidados a seguir Jesus, que fez da sua vida uma entrega total ao serviço de Deus, ao serviço do Reino e ao serviço dos homens. Jesus, o Filho de Deus que veio ao encontro dos homens, não “para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos”, é a referência para todos aqueles que integram a comunidade cristã. O nosso compromisso cristão, vivido em comunidade, inclui o serviço à comunidade, a partilha com a comunidade dos dons que Deus colocou à nossa disposição? O nosso compromisso cristão inclui o serviço simples e humilde, ao estilo de Jesus, em favor dos irmãos que caminham ao nosso lado, especialmente dos mais pobres, dos mais débeis, dos mais necessitados? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 32 (33)

Refrão 1: Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia.

Refrão 2: Venha sobre nós a vossa bondade, porque em Vós esperamos, Senhor.

**Justos, aclamai o Senhor,
os corações retos devem louvá-l'O.
Louvai o Senhor com a cítara,
cantai Lhe salmos ao som da harpa.
A palavra do Senhor é reta,
da fidelidade nascem as suas obras.
Ele ama a justiça e a retidão:
a terra está cheia da bondade do Senhor.
Os olhos do Senhor estão voltados para os que O temem,
para os que esperam na sua bondade,
para libertar da morte as suas almas
e os alimentar no tempo da fome.**

LEITURA II – Primeira Carta de Pedro 2,4-9

Caríssimos:

**Aproximai vos do Senhor, que é a pedra viva,
rejeitada pelos homens,
mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus.**

**E vós mesmos, como pedras vivas,
entrai na construção deste templo espiritual,
para constituirdes um sacerdócio santo,
destinado a oferecer sacrifícios espirituais,
agradáveis a Deus por Jesus Cristo.**

Por isso se lê na Escritura:

**«Vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa;
e quem nela puser a sua confiança não será confundido».**

Honra, portanto, a vós que acreditais.

Para os incrédulos, porém,

**«a pedra que os construtores rejeitaram
tornou se pedra angular»,**

«pedra de tropeço e pedra de escândalo».

**Tropeçaram por não acreditarem na palavra,
à qual foram destinados.**

**Vós, porém, sois «geração eleita, sacerdócio real,
nação santa, povo adquirido por Deus,
para anunciar os louvores»**

d'Aquele que vos chamou das trevas para a sua luz admirável.

CONTEXTO

A primeira Carta de Pedro é endereçada aos cristãos de cinco províncias romanas da Ásia Menor (a carta cita explicitamente a Bitínia, o Ponto, a Galácia, a Ásia e a Capadócia – cf. 1 Pe 1,1). Não sabemos exatamente quem é o seu autor. É verdade que ele, logo no início da carta, se apresenta com o nome do apóstolo Pedro; contudo, a análise literária e teológica da carta não confirma essa indicação. Em termos literários, a qualidade literária da carta parece estar bem acima daquilo que seria a maneira de escrever de um pescador pouco instruído, como era o caso de Pedro; em termos teológicos, a “catequese” apresentada parece situar-nos numa época bem posterior à de Pedro, quando a reflexão cristã já tinha conhecido uma significativa evolução. A tudo isto devemos acrescentar um outro dado significativo: o “ambiente” descrito na carta corresponde, claramente, à situação das comunidades cristãs nos últimos anos do século primeiro. Ora, se Pedro morreu em Roma durante a perseguição de Nero (por volta do ano 67), não pode ser o autor deste escrito. O autor da carta será, portanto, um cristão anónimo culto e que conhece profundamente a difícil situação das comunidades cristãs da Ásia Menor. Ele escreve em finais do séc. I (nunca antes dos anos 80), provavelmente a partir de uma comunidade cristã não identificada da Ásia Menor.

Os destinatários desta carta parecem ser comunidades cristãs das zonas rurais da Ásia Menor. A maioria dos membros dessas comunidades são camponeses pobres, que cultivam as propriedades da gente rica. Também há, nestas comunidades, pequenos proprietários que vivem em aldeias, à margem das grandes cidades.

Trata-se, em qualquer caso, de gente que economicamente débil e vulnerável à hostilidade que o Império começa a manifestar para com o cristianismo.

O autor da carta exorta esses cristãos a manterem-se fiéis à sua fé, apesar das dificuldades. Convida-os a olharem para Cristo, que passou pela experiência da paixão e da cruz, antes de chegar à ressurreição; e exorta-os a manterem a esperança, o amor, a solidariedade, vivendo com alegria, coerência e fidelidade a sua opção cristã.

O texto que nos é proposto faz parte de uma secção parenético-doutrinal (cf. 1Pe 2,1-10), que tem como finalidade exortar os cristãos a crescer na fé, de forma a chegarem à salvação. *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- No final do séc. I o autor da primeira Carta de Pedro referia-se a Cristo como a “pedra angular” do projeto salvador de Deus. Hoje, dois mil anos depois, os cristãos são cerca de trinta por cento dos habitantes do mundo; apesar disso, nem sempre se nota a presença efetiva de Cristo nesses caminhos em que se constrói a história do mundo e dos homens. O verniz cristão de que revestimos a nossa civilização ocidental não tem impedido a corrida aos armamentos, os genocídios, os atos bárbaros de terrorismo, as guerras religiosas, o tráfico de pessoas, o desrespeito pelos mais elementares direitos humanos, as injustiças gritantes contra os mais fracos, a indiferença para com os mais necessitados, a apropriação por alguns dos recursos que pertencem a todos, a exploração abusiva da natureza... Os critérios que presidem à construção do mundo estão, demasiadas vezes, longe dos valores do Evangelho de Jesus. Porque é que isto acontece? Podemos efetivamente dizer que Cristo é, para os cristãos, a referência fundamental? Nós cristãos fizemos d’Ele, efetivamente, a “pedra angular” sobre a qual construímos a nossa vida e a história do nosso tempo?

- O autor da primeira Carta de Pedro refere-se aos cristãos como “pedras vivas” de um “templo espiritual” do qual Cristo é a “pedra angular”. A imagem traduz a realidade de uma comunidade de crentes que se reúne à volta de Cristo, que recebe d’Ele vida, que caminha com Ele, que vive em comunhão com Ele, que assume totalmente o projeto que Ele veio propor aos homens, que é chamada a dar testemunho de Cristo no mundo. A esta comunidade chamamos “Igreja”. Nós que um dia nos encontrámos com Cristo e que acolhemos o seu chamamento, sentimo-nos parte desse “edifício espiritual”? Procuramos, todos os dias, limar as arestas que nos impedem de aderir plenamente a Cristo e de construir a nossa vida a partir d’Ele e em referência a Ele? Procuramos, todos os dias, revitalizar o “cimento” que nos une às outras pedras do edifício – os irmãos que partilham a mesma fé e o mesmo caminho?

- As “pedras vivas” do Templo do Senhor formam um Povo de sacerdotes, cuja missão é “oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”. Podemos dizer isto de uma forma mais simples: aqueles que aceitam integrar a comunidade da salvação são chamados a viver de forma coerente com os compromissos que assumiram no dia em que foram batizados; compete-lhes cumprir o projeto de Deus e testemunhar no meio dos seus irmãos a bondade, a misericórdia, o amor de Deus. Quais são os “sacrifícios espirituais” que oferecemos a Deus? Limitamo-nos a entregar-lhe uma “ração diária” de orações mil vezes repetidas e de rituais religiosos que a tradição impõe? Ou oferecemos a Deus, a cada momento do nosso dia, uma vida digna, verdadeira, coerente, comprometida, cheia de gestos de amor, de bondade e de misericórdia?

- O “mestre” cristão que redigiu a primeira Carta de Pedro promete que “quem puser a sua confiança” no Senhor Jesus “não será confundido”. É um convite a que os discípulos de Jesus não se deixem abater pelo desânimo ou pelo medo que resultam da incompreensão e da perseguição. Aliás, eles devem ter sempre diante dos olhos o exemplo de Cristo: Ele foi rejeitado pelos homens, mas a sua fidelidade aos projetos do Pai fez d’Ele a “pedra angular” da construção de Deus. Como lidamos com a oposição e a contestação daqueles que se recusam a acolher o projeto de Jesus? Estamos convencidos de que a verdade de Deus não pode ser calada?

in Dehonianos

EVANGELHO – João 14,1-12

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

«Não se perturbe o vosso coração.

Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim.

Em casa de meu Pai há muitas moradas;

se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito.

Vou preparar vos um lugar

e virei novamente para vos levar comigo,

para que, onde Eu estou, estejais vós também.

Para onde Eu vou, conheceis o caminho».

Disse Lhe Tomé:

«Senhor, não sabemos para onde vais:

como podemos conhecer o caminho?»

Respondeu Lhe Jesus:

**«Eu sou o caminho, a verdade e a vida.
Ninguém vai ao Pai senão por Mim.
Se Me conhecêsseis, conheceríeis também o meu Pai.
Mas desde agora já O conheceis e já O vistes».**
Disse Lhe Filipe:
«Senhor, mostra nos o Pai e isto nos basta».
Respondeu Lhe Jesus:
**«Há tanto tempo que estou convosco
e não Me conheces, Filipe?
Quem Me vê, vê o Pai.
Como podes tu dizer: ‘Mostra nos o Pai’?
Não acreditas que Eu estou no Pai e o Pai está em Mim?
As palavras que Eu vos digo, não as digo por Mim próprio;
mas é o Pai, permanecendo em Mim, que faz as obras.
Acreditai Me: Eu estou no Pai e o Pai está em Mim;
acreditai ao menos pelas minhas obras.
Em verdade, em verdade vos digo:
quem acredita em Mim fará também as obras que Eu faço
e fará ainda maiores que estas,
porque Eu vou para o Pai».**

CONTEXTO

Pouco depois de ter entrado em Jerusalém, montado num jumentinho e aclamado por uma multidão (cf. Jo 11,12-19), Jesus entendeu que tinha chegado a “hora”, o momento de entregar a sua vida “até ao extremo” para que o projeto do Pai se concretizasse (cf. Jo 12,20-36). A paixão, morte e glorificação estavam no horizonte próximo de Jesus de Nazaré.

Consciente, portanto, de que o seu tempo estava a esgotar-se, Jesus propôs-se celebrar uma ceia de despedida com os seus discípulos. Essa ceia realizou-se numa noite de quinta-feira, véspera da Páscoa judaica, numa sala emprestada por um amigo, na cidade de Jerusalém. Jesus viria a ser preso nessa mesma noite num horto situado no vale do Cédron, junto do monte das Oliveiras. Levado pela polícia do templo para casa do sumo-sacerdote, aí foi julgado, condenado e torturado. Na manhã do dia seguinte foi conduzido diante do Pôncio Pilatos, o governador romano, o qual confirmou a sentença de morte a que os líderes judaicos tinham determinado. Morreu na tarde de sexta-feira, pregado numa cruz, na colina do Gólgota, fora das muralhas de Jerusalém.

Aquela inolvidável ceia de despedida celebrada na quinta-feira é dominada por este cenário. Enquanto comiam e conversavam, pairavam na mente e no coração de todos os convivas algumas questões verdadeiramente decisivas: que seria do projeto do Reino de Deus sem Jesus? Que deveriam fazer e como deveriam viver aqueles discípulos, deixados “órfãos” pela “partida” do seu “Mestre”? Onde haveriam eles de alimentar, futuramente, a sua esperança na vinda do reino de Deus? Como poderiam os discípulos manterem-se em comunhão com Jesus?

Durante a ceia, Jesus falou longamente com os discípulos e referiu-se às questões que os inquietavam. Acalmou-lhes os medos e transmitiu-lhes paz; lembrou-lhes, com gestos e palavras, os valores do reino de Deus; recordou-lhes o essencial do que lhes tinha dito e ensinado enquanto percorria com eles os caminhos da Galileia e da Judeia; prometeu-lhes que lhes enviaria o Espírito Santo e garantiu-lhes a sua presença e a sua assistência em todos os passos do caminho que iam percorrer; alertou-os para as dificuldades que iam encontrar, mas assegurou-lhes a vitória sobre as forças da morte...

Tudo o que foi dito e vivido nessa noite de teste final e deixou uma impressão profunda nos discípulos que participaram na ceia. As palavras de Jesus que o Evangelho do quinto domingo do tempo pascal nos oferece integram o “testamento de Jesus” e devem ser colocadas e entendidas neste cenário. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

• Todos nós ansiamos pela vida em plenitude; todos nós corremos atrás da felicidade verdadeira; todos nós andamos a tentar construir uma vida que faça sentido... Como chegar lá? Que caminho devemos percorrer para chegar à plena realização? Haverá um “mapa” que nos diga por onde ir e evite que andemos às voltas, a malbaratar a vida por atalhos que não levam a lado nenhum? Jesus, quando se despede dos discípulos e lhes deixa o seu “testamento”, oferece-lhes uma indicação clara: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim”. É evidente que Ele não está a falar de um “caminho” físico, feito de terra, de pedras ou de alcatrão, mas está a falar de uma maneira de viver, de valores sobre os quais assentar a existência, de verdades que não são destruídas pela passagem do tempo ou pela ditadura das modas. Segundo Jesus, é por esse “caminho” que chegaremos à comunhão com Deus, que encontraremos a “casa do Pai”, que alcançaremos a vida verdadeira e eterna. Estamos disponíveis para seguir o “caminho” que Jesus nos mostra com as suas

palavras, com os seus gestos, com o seu amor? Dispomo-nos a sonhar os sonhos que Ele sonhou, a abraçar os projetos que Ele abraçou, a defender as causas que Ele defendeu?

- Aqueles e aquelas que se identificam com Jesus, que aceitam comprometer-se com Ele, que percorrem o caminho que Ele indica, passam a integrar a família de Deus – uma família animada pelo Espírito, que dá testemunho de Jesus e que, como Jesus, vive na obediência a Deus e no amor aos irmãos. No dia do nosso batismo, fomos integrados nesta família: passamos a fazer parte da Igreja de Jesus, da comunidade do Reino de Deus. Sentimos que a Igreja nascida de Jesus é, enquanto peregrinamos na terra, a nossa casa? Sentimo-nos plenamente integrados na família eclesial? Participamos na vida da comunidade e, no “Dia do Senhor”, reunimo-nos em comunidade à volta da mesa eucarística? Pomos ao serviço da comunidade, com espírito de serviço, os dons que Deus nos concedeu? Quando a comunidade falha e nos dececiona, afastamo-nos, ou esforçamo-nos para que ela viva de forma mais coerente e verdadeira?

- Jesus, no “testamento” que deixou aos discípulos, lembrou-lhes que contava com eles para fazer as mesmas obras que Ele fazia. “Fazer as obras” de Jesus é, através de gestos concretos, levar a salvação de Deus aos pobres, aos pequenos, aos humildes, aos desprezados, aos doentes, aos prisioneiros, aos sem voz e sem vez, aos condenados pela sociedade e pelas Igrejas, às vítimas de todas as injustiças, aos que caminham sem rumo, aos que vivem sem esperança; “fazer as obras” de Jesus é mostrar ao mundo, através de gestos concretos, o caminho que Jesus percorreu e, assim, oferecer a todos os homens e mulheres a possibilidade de irem ao encontro de Deus e de integrarem a família de Deus. E nós, fazemos as obras de Jesus?

- Na noite em que se despediu dos discípulos, Jesus quis animá-los e confortá-los: “não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim”. “Acreditar em Jesus” é confiar que Ele estará sempre presente, atento aos seus, acompanhando-os em cada passo, ajudando-os a superar as crises e os obstáculos, apontando-lhes o caminho que conduz à vida verdadeira. Todos nós já experimentamos como este mundo pode ser um lugar assustador e como a nossa caminhada pela terra está marcada por um sem número de dificuldades e de incertezas; todos nós já experimentamos a injustiça, a rejeição, a condenação, a incompreensão, a perseguição, a maldade daqueles que se sentem incomodados com o nosso testemunho... Mas, para além disso, não sentimos que Jesus vai ao nosso lado e que nos dá a força para enfrentar tudo? Não sentimos que, sejam quais forem as vicissitudes com que tivermos de lidar, o nosso irmão Jesus estará à nossa espera, no final do caminho, para nos acolher na morada eterna que nos preparou? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** exige uma acurada preparação sobretudo pelo conjunto de palavras de difícil pronúncia que não fazem parte do nosso vocabulário corrente. No verbo «pregar», pronunciar «*prégar*» porque se trata da evangelização e do anúncio e proclamação solene da Boa Nova e não do ato de fixar um prego. Além disso, deve ter-se em atenção os nomes dos sete homens escolhidos e a designação atribuída a Nicolau de «prosélito».

A **segunda leitura** está marcada por um forte tom exortativo sublinhado pelo conjunto de verbos na forma imperativa. A leitura deste texto deve ter em atenção esta particularidade para uma mais eficaz proclamação do texto.